

AS RELAÇÕES ENTRE ESPÉCIES: TRAJETÓRIAS DO PENSAMENTO OCIDENTAL SOBRE ANIMAIS HUMANOS E NÃO HUMANOS

Sabrina Rosa Mendes Lopes¹
Carolina Maria Costa Bernardo²

RESUMO

O presente artigo do curso de Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades, como parte dos requisitos para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III, analisou criticamente uma parte da evolução histórica das relações entre animais humanos e não humanos colocando em questão a colonialidade europeia no Brasil. A partir das questões de pesquisa ‘como se deu o pensamento ocidental acerca da relação entre seres humanos e não humanos?’ e ‘quais as trajetórias históricas podemos mapear acerca da relação entre animais humanos e não humanos?’, foi realizada uma investigação que buscou analisar e compreender o processo histórico do pensamento ocidental acerca das relações dos humanos com outras espécies e mapear e analisar as trajetórias históricas e as relações entre animais humanos e não humanos. Para tanto, a pesquisa bibliográfica se baseou em autores da área de estudos críticos animalistas e do direito animal por meio de fontes bibliográficas retiradas de bancos de artigos, dissertações e teses no meio virtual a partir da palavra central “especismo”. O estudo aponta que através da lógica da racionalidade, o europeu colocou os animais como a figura do “outro”, um objeto a ser explorado e manipulado a fim de expandir seus domínios. Observou-se que apesar dos domínios coloniais, permanecem vivos pensamentos contra-hegemônicos milenares vindos de povos indígenas e africanos, que explicam o comportamento do europeu com suas visões cósmicas de um universo harmonioso de inter-relação.

Palavras-chave: Especismo; direito animal; colonialidade.

INTRODUÇÃO

Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta. Há adestradores que batem e há adestradores que fazem carinho; há adestradores que castigam e adestradores que dão comida para viciar, mas todos são adestradores. E todo adestramento tem a mesma finalidade: fazer trabalhar ou produzir objetos de estimação e satisfação. (Antônio Bispo dos Santos, 2023, p. 2)

O ser humano é, em geral, acostumado a nomear e classificar tudo e todos em categorias. Como brancos, os europeus criaram o conceito de raça para dividir, estigmatizar e dominar outras pessoas. Criaram um mundo à parte do que existe e chamaram de civilidade tudo que correspondesse ao modelo deste mundo, separando pessoas e natureza. Criaram a ideia de racionalidade, para separar atitudes e pensamentos emocionais como irracionais e

¹ Discente do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

² Orientadora, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC

inferiores. Se afirmaram e se reiteraram como modelo de humanidade que *pensa, logo existe*, para afastar da ideia que seres humanos também são animais. E depois de se colocarem como superiores, impuseram sua cultura ao resto das pessoas e dos animais desse mundo.

Pensar o que fomos e o que somos é necessário para nos situarmos no mundo no qual estamos inseridos. Atualmente, como Sul Global, vivemos as consequências das ações dos colonizadores. E nos situando é possível repensar os meios para a construção de novos paradigmas. Pensar sobre quem, além de nós mesmos, sofre as consequências do que fazemos é importante para defendermos quem não passa pelo mesmo que nós. Não são só os seres humanos que sofrem as consequências das ações humanas.

Refletindo sobre essas problemáticas, pesquisadores se colocaram a questionar a posição utilitarista de outros animais se propondo a pensá-los como seres providos de emoções, capacidade de sentir dor, de prazer, de aprender. Pensaram nossa posição de ser humano como semelhantes aos outros animais (apesar de negarmos), e dessa forma como podemos mudar nossa relação com essas outras formas de vida. Assim, criaram o termo “especismo” (Ryder, 2023), para explicar a hierarquia entre animais, onde seres humanos estariam sempre no topo, ou seja, a designação de discriminação contra animais não humanos (Horta, 2022).

Para chegar às produções acadêmicas nacionais a respeito do tema, pesquisei, buscando produções desde 2013, a palavra “**especismo**” no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Federal da Bahia - UFBA, bem como no portal Scientific Electronic Library Online - Scielo. Encontrei apenas um resultado no repositório da USP, e cerca de 62 no catálogo da UFBA. No site da CAPES, foram encontrados aproximadamente 2244 resultados. Pesquisei por “especismo” também no site do Scielo e Google Acadêmico a fim de encontrar produções internacionais, encontrando em torno de 41 resultados no site da Scielo e 5.860 no Google Acadêmico para pesquisas desde 2013 entre as línguas português e espanhol. Pesquisando a mesma palavra em inglês, encontrei por volta de 34 resultados no Scielo e 16.900 resultados no Google Acadêmico.

	Artigos	Teses	Dissertações	TCC	Outros
CAPES	0	625	1619	0	0
UFBA	0	16	21	14	11

Scielo	33	0	0	0	8
Scielo (inglês)	27	0	0	0	7
USP	0	0	1	0	0
Google Acadêmico	5.860	0	0	0	0
Google Acadêmico (inglês)	16.900	0	0	0	0

Com tantos resultados, selecionei aqueles das primeiras cinco páginas que apresentassem alguma relação com a grande área das ciências humanas e estudos animalistas. (Anexo 1). Dentre os resultados, descartei as pesquisas que não consegui acesso livre para leitura ou que não estivessem em português, espanhol ou inglês. Havia trabalhos de diversas áreas: ciências sociais, bioética, educação, direito, ciência da informação, linguística, antropologia, psicologia, biologia, criminologia, ciências políticas, geociências, literatura, economia e cinema. Essa primeira etapa da pesquisa, o **estado da arte**, serviu para melhor explorar o tema, a abrangência dos estudos na área e analisar os dados encontrados.

Esse rastreamento me fez perceber a amplitude de temas que colocam o direito dos animais em suas diversas formas aos olhos da academia e da produção de conhecimento, questionando a discriminação sofrida pelos animais não humanos, além de como e porque devemos mudar a relação com eles. Depois de leituras, fichamentos e resumos, etapa da **metodologia de referência bibliográfica**, consegui definir melhor as questões de pesquisa. São elas: *Como se deu o pensamento ocidental acerca da relação entre seres humanos e não humanos? Quais trajetórias históricas podemos mapear acerca da relação entre animais humanos e não humanos?* Estas perguntas, suleadoras da investigação, contribuíram para a definição dos objetivos desta pesquisa: 1) compreender o processo histórico do pensamento ocidental acerca das relações dos humanos com outras espécies; e 2) mapear as trajetórias históricas e as relações entre animais humanos e não humanos.

Ao iniciar minhas primeiras reflexões acerca deste trabalho de conclusão de curso, senti a necessidade de entender mais profundamente sobre o que se tratava o especismo, uma vez que, até então, em minha experiência na academia, nem no curso de Direito, tampouco no curso de Humanidades, nada foi falado acerca da temática. Com o levantamento feito no estado da arte, selecionei seis pesquisas que ajudassem a responder as questões levantadas, o que se confere na tabela abaixo:

	Autoria	Nome	Ano	Área
1	Oscar Horta	Qué es el especismo?	2022	Filosofia
2	Rafael van Erven; Evelyn Pipas Morgado; Fabio Alves Gomes de Oliveira; Luiza Alves Chaves	Exportação Marítima de Gado Vivo: legados do especismo colonial	2022	Sociologia; Direito
3	Regina Schöpke	Repensando o especismo: o conceito de Richard Ryder para além da querela entre o utilitarismo e os direitos dos animais	2023	Filosofia
4	Ragnhild Sollund	Eating E.T.: Carnism and Speciesism	2023	Criminologia
5	Richard Ryder	Speciesism and Painism: Some Further Thoughts	2023	Psicologia experimental; Filosofia
6	Rita Leal Paixão	O Direito dos animais às cidades	2023	Filosofia

Estas produções abordam, com distintas perspectivas, a relação entre os animais humanos e os não humanos e apresentam evidências da hierarquia entre espécies estabelecida ao longo do tempo e de lugares. Elas refletem acerca do especismo em diferentes contextos, seja para conceituar o termo, pensar sua ligação com a colonialidade ou o sistema capitalista, as tradições do consumo de carne, a desigualdade no tratamento interespecies e até mesmo os locais ocupados por diferentes animais na sociedade. A partir das análises sobre o referido material, foi possível traçar um pensamento acerca dos processos históricos que encaminham o Ocidente até o modo como agem e pensam diferentes espécies de animais.

Me deparando com as referências mencionadas, percebi que todas as pessoas autoras eram brancas referenciadas com a visão do norte global. E como o objetivo do trabalho é olhar o Ocidente de modo crítico, acrescentei diferentes intelectuais presentes na minha formação dentro da UNILAB, os quais se desafiaram, a partir de pontos de vistas de povos indígenas ou de África, a repensar a hegemonia epistêmica global, trazendo um caráter totalmente diferente ao presente trabalho, uma vez que estes possuem relações com o cosmos e a natureza muito diferentes do Ocidente.

Ao longo do trabalho, não me referirei aos animais de diferentes espécies apenas com a palavra “animais” isoladamente. Isso por dois motivos: o primeiro deles, é que ao utilizar as palavras “outros animais”, ou “animais não humanos” afirmo a ideia de que também somos animais; o segundo motivo é que não quero criar um distanciamento de valor entre as espécies humanas e não humanas. O pensamento colonial europeu criou a ideia de *Eu-Outro* para melhor estabelecer a ordem do que será dominado e manipulado. O que

acontece no caso da natureza como um todo e, especificamente, com animais não humanos, quando negamos possibilidades de relações profundas com outros seres, que se tornam meramente objetos. Essa questão será melhor abordada no decorrer dos próximos tópicos. Apesar de tais afirmações serem reafirmadas e destacadas ao decorrer do trabalho, podemos observar diferentes exemplos de se estabelecer relações com outras formas de vidas que não humanas, o que será melhor descrito no último tópico.

1 BRASIL COLÔNIA

No texto ‘Animais e Sociedade no Brasil dos Séculos XVI a XIX’, a autora Ana Lúcia Camphora³ (2017) relata o resultado da pesquisa que realizou e que encontrou a “diversidade das interações vividas entre humanos e não-humanos, ao longo dos primeiros quatro séculos de formação da sociedade brasileira”. Ela descreve como os portugueses, ao adentrar as Américas, se fascinaram com a quantidade de papagaios presentes e logo os objetificaram, passando estes a ser um produto negociável na Europa, um dos primeiros junto com o pau-brasil. Os padres jesuítas faziam uma confusão ao tentar explicar a diversidade de animais existentes aqui, não descritos no conto da Arca de Noé. Um deles, Padre Fernão Cardim, chegou a comparar o bicho-preguiça a “um cão felpudo, e o rosto dele ao de uma mulher ‘mal toucada’”. Enjaularam e levaram para fins comerciais, outras aves, macacos e coelhos nativos “disputados a bom preço” (Cruls, 1952, p.39 *apud* Camphora, 2017, p. 4).

A partir desse comércio, os portugueses portavam coleções de animais vivos ou mortos retirados das Américas, sendo a maior delas a coleção do Colégio Romano da Companhia de Jesus, tentando comprovar a “dimensão divina da natureza”.

A autora diz que Sérgio Buarque de Holanda registrou que em 1710, ao se depararem com ataques de onças na freguesia de Nazaré, em São Paulo, os padres se utilizaram da espécie como provas das manifestações divinas, que eram representadas como a ira e a punição de Deus sobre os homens, que deveriam se arrepender de seus erros. Como descreveu o Padre Belchior de Pontes: “... huma só onça, armada de sua natural fereza, dá trabalho a muitos; que seria se muitas se unissem a vingar as injúrias que tinham cometido os homens contra seu Creador”. (Cruls, 1952, p.108-109 *apud* Camphora, 2017, p. 5). Assim, percebe-se que os jesuítas não apresentavam interesse em entender a natureza, mas sim em entender o que havia de divino nela (Leite, 2015, p.72 *apud* Camphora, 2017, p.5).

³ Brasileira, branca, doutora em ecologia social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, é uma estudiosa independente dos estudos ‘humano-animal’.

Ana Camphora (2017) conta também que os portugueses, ao descreverem o que viam aqui, como fez o escritor Ambrósio Fernandes Brandão, relataram a senciência no comportamento dos animais, evidenciando atenção e curiosidade às espécies:

Durante uma pescaria, Ambrósio Fernandes Brandão observou a captura de um peixe e constatou que o ‘companheiro’ do peixe pescado teria permanecido no mesmo lugar, durante seis ou oito dias, mesmo quando a maré baixava, dando pancadas com o rabo, como querendo mostrar o sentimento pelo companheiro perdido. Concluiu que ‘se pode achar amor em toda coisa vivente, em uns mais e em outros menos’, ao perceber “...claramente haver também amor entre êstes mudos nadadores.” (Brandão, 2010:148 *apud* Camphora, 2017, p. 5).

Colonos e missionários observaram as ações de animais na relação com a natureza para melhor conhecimento medicinal da flora local: “como a copaíba, esfregando suas feridas nos troncos dessa árvore com poder cicatrizante. Ou como o macaco guariba, utilizava determinadas plantas em sua automedicação”. Porém, eram diversos os métodos pelos quais os animais não humanos eram utilizados, às vezes até vivos, para que o europeu fizesse de remédio para as mais diversas doenças ou como amuletos contra moléstias ou acidentes, os utilizando como meios para seus propósitos. Ao meu ver, observo uma incoerência na forma como se reconheciam os conhecimentos que outras espécies possuíam, ao mesmo tempo que não eram capazes de admitir a inteligência destes, uma vez que eram totalmente objetificados, atribuição comum a todos os seres que não fossem homens europeus, vistos como *os Outros*.

Camphora (2017) afirma ainda que os indígenas do território que hoje se chama Brasil se relacionavam de modo particular com diferentes espécies, pois, muitas vezes criavam araras, papagaios, tucanos, garças como de estimação, os chamando de ‘xerimbabo’, ou ‘membro querido da família’, além de acolher animais trazidos pelos europeus. Também conviviam com as antas nas aldeias e comiam de sua carne juntos de cães e gatos. Ou seja, não era uma relação entre pessoas e animais selvagens e perigosos, ou relação de dominação. Havia uma integração de boa convivência. Por outro lado, o objetivo dos europeus seguia com a lógica da dominação dos outros e expansão de seus domínios. Segundo Camphora (2017, p. 5), a passagem dos colonos aqui “consistia, fundamentalmente, em assimilar os costumes, a dieta e os modos de sobrevivência do ameríndio”.

Marimba Ani⁴ (1994) evidencia que apesar de a Europa valorizar seu povo com falácias de superioridade, apresenta um ego cultural em desequilíbrio, uma vez que faltando

4 Antropóloga preta estadunidense, pesquisadora dos estudos da África, conhecida por sua obra ‘Yurugu: An Afrikan-Centered Critique of European Cultural Thoughts and Behavior’, e por ser responsável por cunhar o termo ‘Maafa’ para o holocausto africano. Ela busca analisar por meio da perspectiva africana a influência da Europa através do colonialismo e imperialismo. Suas obras não possuem tradução para o português.

espiritualidade – e desespiritualizando todo seu entorno –, a personalidade coletiva de seus membros, a vida espiritual da sua cultura, ou *utamaroho*, se encontra cronicamente insuficiente, em busca de uma condição harmoniosa. Ela afirma que a ideologia europeia é baseada na destruição da harmonia, substituindo-a pelo racional e mecânico, em uma lógica na qual o ser humano consome enquanto destrói. A ideia de universalismo está relacionada com a expansão de seu *utamaroho*. E é importante entender a relação entre controle e expansão para entender o *utamaroho* europeu:

"To control," for this *utamaroho*, means to render passive. Once a thing, person, or culture can be "acted upon" at will by the European self (ego), that self is considered to have expanded. Expansionism is the increase of its domain. Hence the European concept of "power," is the ability to manipulate and control — to make passive as an agent of change. It is power "over," not power "through." (Ani, 1994, p. 563).⁵

Com tais contribuições de Marimba Ani podemos entender mais profundamente os motivos da dominação e expansão para o europeu ser constituinte da essência de sua cultura, e portanto, os motivos de agirem de tal modo diante da diversidade cósmica existente neste universo, incluindo outros seres humanos, outros seres em geral, a natureza como um todo. Apenas a racionalidade e sua própria lógica era válida para eles, sendo o outro apenas um objeto para ser manipulado e controlado. A colonização é um marco histórico importante para compreender o *utamaroho* europeu na prática onde lhe faltando espiritualidade, o poder se torna inerente a este ser, que se dará sempre insaciável: ao adentrar as Américas, o europeu se colocou como figura de “descobridor”, tomou estas terras como sua e a renomeou, subjuguou as vidas preexistentes à sua chegada à sua maneira e criou mercadorias a fim de lucrar e aumentar seu próprio poder.

No que se refere ao colonialismo imposto na alimentação no Brasil, Rafael Ludolf⁶, Evelyn Morgado⁷, Fabio Oliveira⁸ e Luiza Chaves⁹ (2022) realizam um trabalho repleto de informações em ‘Exportação marítima de gado vivo: legados do especismo

5 Tradução livre: “Controlar”, por esse *utamaroho*, significa tornar passivo. Uma vez que uma coisa, pessoa ou cultura pode ser “posto em prática” pela vontade do eu (ego) europeu, esse eu é considerado expandido. Expansionismo é o crescimento de seu domínio. Por isso, o conceito europeu de “poder” é a habilidade de manipular e controlar – fazer passivo como um agente de mudança. É poder “sobre”, não poder “através de”.

6 Advogado, doutorando no Programa de Pós graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD-UFF), na linha de pesquisa conflitos socioambientais.

7 Advogada especialista em Direito das Sucessões (Inventário e Divórcio), Direito do Consumidor e Direito dos Animais.

8 Professor Adjunto de Filosofia da Educação junto ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense; membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS)

colonial’. Segundo o que contam os autores (2022, p. 249), “a pecuária no Brasil é fruto da invasão colonial”:

Os bois de origem europeia foram trazidos ao Brasil pela primeira vez por volta de 1534. A criação e o consumo de boi por aqui se trata de uma tradição construída. Não é uma cultura brasileira. Os animais eram usados como força motriz dos engenhos de cana e se espalharam pelo litoral. Ocorreu uma colonização do gosto. Não havia a regionalização culinária da carne bovina. O que existiu foi uma agroindústria para dar sustentação especialmente ao açúcar no Nordeste (Menezes, 2021 *apud* Ludolf et. al., 2022, p. 249).

A autora Ragnhild Sollund (2023, p. 5) conta que a colonização das Américas e a escravização de humanos foram fatores de desenvolvimento da domesticação de outras espécies, uma vez que se utilizavam da mão de obra escravizada para subjugar outros animais na agricultura.

Os autores Ludolf et. al. (2022, p. 249) dialogam com Ana Lúcia Camphora (2017) para explicar sobre o transporte de milhares de macacos, papagaios e araras para expandir a economia dos colonizadores, além da presença de plumas de beija-flores na vestimenta da Corte. Para diversos fins, os invasores trouxeram cavalos, mulas, carneiros, patos, perus, bois, cães, porcos e galinhas que não existiam no Brasil, os tornando predominantes. “Para a consolidação e ocupação do novo território, uma racionalidade econômica e de objetificação do outro, humano e não-humano, foi imposta pelos colonizadores” (Ludolf et. al., 2022, p. 249).

O artigo (Ludolf et. al., 2022, p. 250) também conta que os indígenas praticavam um regime de trocas e “de economia natural” em que havia consumo imediato, mas com a invasão dos colonizadores foi imposta uma nova forma de economia e sociabilidade.

O que se percebe é que, para o homem europeu, não há um mundo sem sua presença. Este cria a necessidade de ocupar os espaços e impor suas ideias e modo de vida a todos os seres e subjugando a natureza como um todo, pois não pode aceitar um mundo sem sua existência e sua maneira de pensar. Deste modo, ao chegar nestas terras recriou e impôs um novo nome a Pindorama - a partir de um produto comercial, hoje chamado Brasil -, impôs sua forma de vida, religião, língua e vestimentas aos seus habitantes. As novidades contempladas de uma natureza desconhecida, para eles, não se tratavam de novas

9 Professora Adjunta de Direito, na Universidade Federal Fluminense, em Volta Redonda. Doutora em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, linha de Conflitos Socioambientais

possibilidades de experimentar o mundo com toda sua diversidade, mas sim de mais um meio de aumentar seu poder econômico.

2 DOMESTICAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO DOS CORPOS NÃO HUMANOS

Rita Paixão¹⁰ (2023, p. 5) fala que no século XIX aconteceram mudanças significativas na relação entre animais humanos e não humanos. Por conta do iluminismo, e consequentemente da industrialização, houve uma crescente na importância dada à racionalidade, na ciência e insistência no progresso, mudando os lugares dos animais não humanos na sociedade europeia. E como se trata de uma população com visões dualistas, a civilidade se oporia ao que era modelo civilizatório indígena ou africano. Com o avanço da ciência sobre o estudo das doenças, os animais não humanos passam a representar sujeira. E assim, animais de fazenda mantidos em casa, como gado, porcos e galinhas foram expulsos, e somente animais dependentes e controlados, como os cães e gatos, puderam entrar nas casas. Segundo a autora, foi com a influência de Kant¹¹ que se reforça o desejo humano por ascensão, poder e controle, surgindo “um urbanismo livre de um suposto mundo natural.”

Em ‘Eating E.T.: Carnism and Speciesism’, Ragnhild Sollund¹² (2023) busca compreender o tratamento diferenciado de humanos para com animais não humanos, bem como o carnismo e especismo presentes nesta relação. A autora nos conta que foram descobertos ossos carbonizados na caverna de Wonderwerk na África do Sul, onde o nosso ancestral *homo erectus* viveu há dois milhões de anos. Segundo arqueologistas, as evidências encontradas indicavam que estes hominídeos preparavam carne nas cavernas como parte de sua dieta. Ela também fala sobre outra evidência de controle do fogo para cozinhar carne entre *homo sapiens* e *neandertais*, ocorrido há cerca de 300 mil e 400 mil anos na caverna de Qesem na Palestina invadida. Os animais consumidos incluíam cavalos, porcos selvagens e veados. Apesar da caça ser uma tradição milenar, os primeiros hominídeos eram coletores – de plantas, frutas, raízes, nozes – e as primeiras evidências claras de caça datam de 400 mil a 500 mil anos atrás.

10 Professora doutora na Universidade Federal Fluminense no Programa de pós-graduação em Medicina Veterinária e no Programa de Ciências Biomédicas. Atua com ênfase em ética animal, ética ambiental, ética em pesquisa e bem-estar animal.

11 Immanuel Kant foi um filósofo iluminista alemão que até hoje é referência para a filosofia ocidental moderna, sendo o filósofo mais pesquisado na modernidade.

12 Professora norueguesa do departamento de criminologia e sociologia do direito da Universidade de Oslo. Seus interesses são criminologia verde, racismo policial, violência e migração forçada

Sollund (2023, p. 5) fala sobre os primeiros animais domesticados, os papagaios, os lobos e os bichos-preguiça. “Cães, gatos e humanos compartilham 10,000-12,000 anos de co-evolução” e teriam sido domesticados para oferecer companhia ou seus serviços aos humanos como caçadores ou guardas, enquanto vacas, porcos, cabras e ovelhas foram domesticadas para que tivessem partes de seus corpos retirados (lã, pele, leite, ovos ou carne). A domesticação de animais e plantas entre 10 mil e 12 mil anos atrás transformou a biosfera terrestre, mudando a vida de todos os animais e a evolução dos humanos, que passaram a criar e reproduzir em cativeiros os animais herbívoros ao invés de caçá-los. Apesar de dobrar o número de animais na metade do Holoceno (entre 4 mil e 8 mil anos atrás), a maioria dos animais domésticos foram domesticados nos últimos séculos.

While speciesism (Nibert 2003; Ryder 2010) may have roots among the early humanoids’ scavenging and hunting, the domestication and colonisation of land and animal bodies certainly made speciesism even more profoundly ingrained in society. (Ragnhild SOLLUND, 2023, p. 5)¹³

Ela afirma que o consumo de carnes de animais, principalmente os considerados selvagens, até os dias de hoje, é um meio de se exibir e atingir *status* social:

For example, hunters strategically transfer meat to each other to recruit and maintain coalitional support in Ecuador (Patton 2005), and Norwegian hunters invite friends to share a meal cooked from an animal the host has shot because meat from wild animals is viewed more favourably than that from animals slaughtered in industrial slaughter complexes (Linna 2015). (Ragnhild Sollund, 2023, p. 3)¹⁴

Para se tornar ‘carne’ o animal deve ser morto, “mas o espetáculo de matar é algo que a maioria das pessoas querem evitar”, e por isso a “brutalidade da morte industrializada” nos abatedouros era escondida dos vilarejos no começo de 1800. Na era pré-industrial abater animais era parte do cotidiano, feito nas ruas, mas “com o crescimento do consumo, cresceu também o fedor e o desperdício, o que contribuiu com o estabelecimento dos abatedouros”. (Ragnhild Sollund, 2023, p. 4)

Sollund conta que em Chicago cresceu exponencialmente o número de abatedouros industriais em 1865, onde se construiu um complexo com cortiços anexados a estes onde diversos trabalhadores viviam sob alto índice de pobreza, criminalidade, densidade

13 Tradução livre: Enquanto o especismo pode ter raízes entre as primeiras caças dos humanóides, a domesticação e colonização da terra e dos corpos de animais certamente fizeram o especismo profundamente mais enraizado na sociedade.

14 Tradução livre: Por exemplo, caçadores estrategicamente transferem carne uns aos outros para recrutar e manter apoio de coalizão no Equador (Patton 2005), e caçadores noruegueses convidam amigos para compartilhar uma refeição cozida de um animal que o anfitrião atirou porque carne de animais selvagens é visto mais favoravelmente que de animais abatidos em abatedouros industriais.

populacional e poluição. Em 1880, o modelo de linha de produção dos abatedouros se tornou modelo para Henry Ford nas produções de seus carros, época em que 179 vacas eram mortas por hora no país. Em 2010, o número sobe para 4.400 mortes por hora.

In a slaughterhouse assembly line, for example, chickens are grabbed by a leg and connected to a device that moves in a circle towards a knife that slices the chicken's throat and kills her, if things go as planned. Male chicks are ground alive because they cannot lay eggs and are deemed 'useless' (Sollund 2021). Pigs are killed by the use of carbon dioxide, which may cause painful and distressing asphyxiation even when the process goes as planned (Conlee et al. 2005), which often it does not, leaving the pigs to be dumped and skinned alive in boiling water (Ragnhild Sollund, 2021 *apud* Ragnhild Sollund, 2023, p. 4).¹⁵

Devido às grandes indústrias e todo o maquinário que as constitui, quanto mais animais não humanos são mortos, menos pessoas os manipulam. Isso contribui para o processo de alienação da população, uma vez que são menos pessoas conscientes de todos os processos que envolvem a indústria da carne.

Na 27ª Conferência Empowering Women of Color, Angela Davis¹⁶ concedeu um discurso a respeito da alienação em relação a produção de alimentos animais. Ela se sente desapontada em observar que somos ativistas radicais que não refletem sobre os alimentos que “colocamos em nossos próprios corpos”, e como “estamos implicados em todo o processo do capitalismo participando, sem críticas, das políticas alimentares que nos são oferecidas pelas grandes corporações”:

I usually don't mention that I'm vegan but that has evolved... I think it's the right moment to talk about it because it is part of a revolutionary perspective. How can we not only discover more compassionate relations with human beings but how can we develop compassionate relations with the other creatures with whom we share this planet? And that would mean challenging the whole capitalist industrial form of food production. [...] Most people don't think about the fact they're eating animals. When they're eating a steak or eating chicken, most people don't think about the tremendous suffering that those animals endure simply to become food products to be consumed by human beings. I think the lack of critical engagement with the food that we eat demonstrates the extent to which the commodity form has become the primary way in which we perceive the world. We don't go further than what Marx called the exchange value of the actual object. We don't think about the relations that that object embodies and were important to the production of that object whether it's our food or our clothes or our I-pads or all the materials we use to acquire an education at an institution like this. That would really be revolutionary to develop a

15 Tradução livre: Em uma linha de montagem de um abatedouro, por exemplo, galinhas são agarradas por uma perna e conectadas a um dispositivo que se move em círculos para uma faca que corta suas gargantas e as matam, se as coisas forem como planejadas. Galos são criados no chão pois eles não podem botar ovos e são considerados 'inúteis' (Sollund 2021). Porcos são mortos pelo uso de dióxido de carbono, o que deve causar dor e asfixia angustiante mesmo quando o processo vai como planejado (Conlee et al. 2005), o que muitas vezes não vai, deixando os porcos serem despejados e esfolados vivos em água fervente.

16 Filósofa preta estadunidense que atua na luta antirracista, feminista e pelo abolicionismo prisional, defendendo a existência de uma intersecção entre sexismo, racismo e opressão econômica. Fez parte do grupo de ativismo Panteras Negras na década de 70.

habit of imagining the human relations and non-human relations behind all of the objects that constitute our environment. (Angela Davis, 2012)¹⁷

Absolutamente toda a vida daqueles animais destinados à morte é manipulada, desde os processos de reprodução - pensadas nas características desejáveis ao pecuarista -, nascimento, alimentação - pensada para um crescimento mais acentuado e rápido da espécie -, sua exportação, sua morte, seu desmembramento. Assim, apesar de cotidianamente ter estes animais presentes nas refeições, não nos relacionamos com eles de nenhum modo, apenas com seus pedaços, muitas vezes nem ao menos é comum que os vejamos vivos. Para que o processo de alienação ocorra e que o animal continue a ser explorado, é necessário que o animal seja totalmente descaracterizado.

De nenhum modo há neutralidade em nossas escolhas, nem mesmo em nosso desconhecimento. Quando não nos relacionamos com a natureza, quando não olhamos com consciência para o prato que comemos, compactuamos com todos os processos da indústria alimentar e todos os sofrimentos que o envolve. Temos a capacidade de nos relacionarmos mais intimamente com o cosmo, a natureza e outras espécies de modo mais respeitoso. Podemos nos tornar conscientes e abriremos espaços para caminhos diferentes a partir da imaginação de um mundo mais próximo e cordial com as vidas que nos cercam.

3 O AGROBUSINESS NO BRASIL

Antes de prosseguir com o presente tópico, é importante destacar que este trabalho apresenta um lapso temporal entre o Brasil Colônia e seu importante processo de industrialização. Isto se dá pois, dentre os artigos encontrados dentro da metodologia do presente trabalho não foram encontradas informações pertinentes a estes acontecimentos. Pois bem, vamos adiante.

¹⁷ Tradução livre: Eu geralmente não menciono que sou vegana, mas isso tem evoluído... Eu penso que esse é o momento certo de falar sobre isso pois é parte de uma perspectiva revolucionária. Como podemos não apenas descobrir relações mais afetuosas com outros seres humanos, mas como nós podemos desenvolver relações afetuosas com outras criaturas as quais compartilhamos este planeta? E isso significaria desafiar toda a forma de produção alimentar capitalista. [...] A maioria das pessoas não pensa sobre o fato de que estão comendo animais. Quando eles estão comendo bifes ou frango, a maioria das pessoas não pensa sobre o tremendo sofrimento que esses animais enfrentam simplesmente para se tornarem produtos alimentícios para serem consumidos por seres humanos. Eu acho que a falta de engajamento crítico com os alimentos que comemos demonstra a medida em que **a lógica do mercado tornou-se o principal meio com que percebemos o mundo**. Nós não vamos além do que Marx chamou de valor de troca do objeto real. Nós não pensamos nas relações que esse objeto representa e que foram importantes para a produção desse objeto, seja ele nossa comida, nossas roupas ou nossos Ipads ou todos os materiais que usamos para adquirir uma educação em uma instituição como esta. Realmente deveria ser revolucionário desenvolver um hábito de imaginar relações humanas e não humanas por trás de todos os objetos que constituem nosso meio ambiente. (Grifo meu).

Os autores Ludolf et. al. (2022, p. 250-251) destacam que houveram, na história do ocidente, eventos que naturalizaram os animais não humanos como objetos de consumo. Exemplificam como, no Brasil, os portugueses usaram os bois das raças zebuínas para atender as demandas iniciais de “resistência e força física para o trabalho no escoamento do café para os portos”, além de impulsionarem a “transição do sistema de ‘pastoreio’ para a ‘pecuária’, inaugurando o século XX. Depois perceberam que o gado Nelore seria a raça mais promissora para o Brasil”. Os autores falam sobre como o tempo e a qualidade de vida desses animais foi reduzida:

Até meados do século XX vacas e bois ainda costumavam ficar soltos no pasto, enquanto porcos e galinhas viviam no quintal do produtor rural. Depois da Segunda Guerra Mundial, com a industrialização das atividades agropecuárias, houve uma ruptura com o sistema tradicional de criação animal, surgindo o sistema de criação intensiva, cujo mote é produzir cada vez mais rápido em espaços cada vez menores. A imagem bucólica da vaquinha pastando nos campos ou do porquinho feliz não existe. Os animais domésticos acabaram estigmatizados pela cartilha do agronegócio, passando a ser denominados “plantel”, “produtos”, “cabeças”, “matrizes”, “unidades”, “peças” ou “carcaças”, expressões [...] que soam como marcas indelévels da lógica de dominação. Eles têm a vida permeada de dor: marcação a ferro, descorna, castração, caudectomia, desgaste dos dentes ou inseminação artificial – para citar apenas as mais comuns – são realizadas rotineiramente e na maioria das vezes sem uso de anestésicos, provocando nos animais severos processos traumáticos ou inflamatórios (Levai, 2018, p. 3 *apud* Ludolf et. al., 2022, p. 251).

Segundo Ludolf et. al. (2022, p. 251) foi na década de 1950, com o conceito de *agrobusiness* da Universidade Harvard, que a agenda imperialista dos Estados Unidos foi imposta no Brasil “com sucessivos intentos de passar o trator sobre a reforma agrária, os direitos indígenas, a preservação do meio ambiente e a vontade das urnas”. Foi só em 2002 que o Brasil passou a exportar gado vivo por via marítima em larga escala. Em 2015, cresce exponencialmente o volume de bovinos exportados, batendo recorde histórico em 2018. Hoje, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial. O estado que mais exporta é o Pará, com 66% do total de animais vivos.

O fato do estado amazônico ser o principal exportador embute um risco de desmatamento significativamente maior, uma vez que o Pará lidera, desde 2008, o ranking anual de desmatamento da Amazônia, atingindo uma área de 39,8 mil quilômetros quadrados devastados (44,1% de todo o desmatamento no bioma amazônico). (Campos e Nogueira, 2021 *apud* Ludolf et. al., 2022, p. 245).

Além disso, os autores também reforçam a precariedade na fiscalização do comércio de animais vivos, o que ocasiona tragédias e diversos casos de maus tratos e crueldades.

Os colonizadores, para ocupar o território brasileiro, impuseram “uma racionalidade econômica e de objetificação do outro, humano e não-humano”, o que privilegia um certo grupo de pessoas e espécie em detrimento de outros. O agronegócio é a continuidade do modelo colonial de dominação, exploração e controle da natureza, uma forma encontrada pelo norte global de manter seu poder através da exploração do sul global. Para tanto, reservas indígenas são invadidas, terras são desmatadas e pessoas são escravizadas e os animais não humanos aqui criados são explorados desde o nascimento até o fim de suas vidas.

4 HIERARQUIA INTERESPÉCIES

Sobre a hierarquia entre as espécies, a autora Ragnhild Sollund (2023) escreve que varia entre culturas, cada uma possui sua particularidade. Na China, Vietnã, Coreia do Sul, Nigéria, Filipinas e Suíça, cães e gatos têm suas carnes consumidas, não possuem status de animais de companhia como em outras partes do mundo como Brasil, Estados Unidos e Inglaterra, em que existe uma relação de proximidade familiar havendo contratos sociais que fazem a ideia de comer suas carnes quase como um canibalismo.

Rita Leal Paixão (2023), em seu artigo ‘O direito dos animais às cidades’, inicia seu texto falando a respeito dos animais sinantrópicos – aqueles que convivem com humanos (esses de diversos filões), e, de modo geral, em como os separamos entre os que amamos e odiamos. Ela conta que a percepção social sobre o animal definirá como o trataremos e conta sobre como as sociedades classificam tudo em uma escala de valores, incluindo humanos e animais, sendo que os que se encontram abaixo nessa hierarquia são excluídos da justiça social. É assim que Paixão nos introduz aos autores Arluke e Sanders para abordar a respeito da escala sociozoológica, que diz respeito à classificação dos animais de acordo com os papéis atribuídos a estes nas sociedades.

Rita Paixão (2023) conta que, no caso do Ocidente, os animais são categorizados entre bons e maus. Os bons são aqueles totalmente sob o controle humano, os que cumprem o papel social de subordinação, e por oferecerem aos humanos um sentimento de controle sobre a natureza, entre os animais não humanos estes estão em um nível superior hierarquicamente. Já os animais maus estariam em uma posição inferior, pois, seu lugar na sociedade não está bem definido ou não aceitam este lugar, não sendo possível haver controle, gerando medo e nojo. E se tratando de Ocidente, “a pior posição é ocupada pelos animais chamados demônios, que são animais que rejeitam o seu lugar, eles não temem os humanos e os humanos temem a

eles. Logo, eles têm poder sobre os humanos e, por isso, devem ser destruídos, assim como ocorre com as cobras” (Arluke; Sanders, 1996 *apud* Rita Paixão, 2023, p.5).

Ragnhild Sollund conta sobre um documentário que aborda a inteligência de polvos em que um telespectador comentou não poder comê-los mais devido à sua inteligência, contudo, isso não os impedia de serem explorados e comidos. Ela prossegue ao dizer que se a inteligência fosse um critério, não deveríamos consumir porcos, por exemplo, pois diversas pesquisas demonstram uma inteligência e comportamentos complexos, inclusive são mais parecidos com nós que os polvos. Porém, é dificultoso perceber habilidades cognitivas em animais criados para serem mortos, uma vez que são caracterizados como “comida” e são obrigados a uma submissão que os torna impotentes. Sollund também apresenta uma diferença de tratamento com animais que fugiram da morte, como no caso da vaca Yvonne da Alemanha, no ano de 2011:

Yvonne the cow, who ran away just as the farmer who owned her wanted to take her to slaughter. The people in the community highly protested against her being caught and killed, and she passed her last years in a sanctuary, where she died at the age of 14 (Pidd 2011). While these animals, who are often rewarded by being allowed to live out their lives in sanctuaries, are admired and their status elevated, the animals who do not manage to escape are left to perish in silence, out of the public eye. Why, then, do they become heroes? Is it because they challenge an oppressive, unjust regime that even meat-eaters recognise is precisely that? (Ragnhild SOLLUND, 2023, p. 7)¹⁸

5 ANIMAIS NÃO HUMANOS COMO SUJEITOS DE DIREITOS

A antropóloga Marimba Ani (1993), em uma entrevista, fala a respeito de como se concebe o conhecimento a partir de África. Para tanto, é necessário experimentá-lo. Ambas dimensões, racional e emocional, fazem parte de nós e são importantes para que entendamos o universo. O entendimento africano sobre universo se concebe na totalidade e na interrelação, enfatizando o espírito e sua conectividade com a natureza, onde encontramos nossa força. Podemos perceber a afirmação da antropóloga ao nos voltarmos ao antigo Kemet:

O coração *ib*, também *haty*, na língua egípcia foi concebido como a sede de pensamentos e emoções. A palavra coração também significa “mente”, “compreensão” e “inteligência”. Razão, emoção, espírito, mente e corpo não foram concebidos como entidades antitéticas separadas. Matéria e espírito não eram

18 Tradução livre: Yvonne a vaca, quem correu como o fazendeiro que a possuía e queria levá-la ao abatedouro. As pessoas na comunidade protestaram fortemente contra sua captura e morte, e ela passou seus últimos anos em um santuário, onde ela morreu aos 14 anos. Enquanto esses animais, que são frequentemente recompensados pela permissão de viver suas vidas em um santuário, são admirados e têm seus status elevados, os animais que não lidam com a fuga são deixados para perecer em silêncio, longe dos olhos do público. Porque então eles se tornam heróis? É porque eles desafiam um regime injusto e opressivo que até mesmo os comedores de carne reconhecem isso precisamente?

opostos em conflito. Assim, em suas investigações, os filósofos podem recorrer a todos os recursos de seu ser, incluindo a razão e o sentimento. Desta forma, eles podem esperar alcançar a realização. (Obenga, 2004, p. 07 *apud* Katiúscia Ribeiro, 2020, p. 52).

Marimba (1993, tradução livre) continua sua entrevista e afirma que “Os antigos costumavam dizer ‘*conheça a si mesmo*’. O que querem dizer é: nós somos como um microcosmo do universo. O universo existe em nós. É uma crença africana. Portanto, se isso é verdade, então estudando e conhecendo a si, você conhece o universo e vice versa”. Ela também explica que o europeu se conhece quando se destaca do universo, separando a parte que sente da parte que pensa, e a parte que pensa é melhor que a outra: “Pense em Descartes dizendo ‘*penso, logo existo*’. Significa que não há nada mais importante nos humanos do que essa capacidade de pensar racionalmente sobre um ‘*objeto*’. Isso é tudo o que te faz humano, é o que te faz importante.”. Na escola aprendemos que ser humano é o animal racional, e isso é que nos difere dos animais não humanos.

Richard D. Ryder¹⁹ é um psicólogo que trabalhou com testes em animais e posteriormente se posicionou contra a prática, sendo um dos pioneiros no movimento pela libertação animal. Foi ele quem inventou o termo Especismo, em 1970, explicando que o tema trata “sobre a arrogância humana e a discriminação contra outros animais, meramente porque são de outras espécies” (2023, p. 1, tradução livre). Para ele, a dor que animais não humanos podem sentir é o que precisa ser levado em conta. Ryder compara a situação de animais e crianças, ambos incapazes de se defender verbalmente, se encontram em uma posição moral parecida e necessitam de proteção especial. A dor, um elemento da senciência, abordada por Regina Schöpke²⁰ (2023, p. 6), conta não se tratar apenas do sofrimento, mas também do prazer e da capacidade de sentir: “nada como os avanços da neurociência para confirmar o que alguns apenas intuía: que sentir envolve necessariamente um grau de consciência”. Ou seja, alguns animais não só sentem como são conscientes.

Regina Schöpke (2023) conta que Ryder aborda o especismo como uma intuição, mas é Peter Singer²¹ que em 1975, com seu livro *Libertação Animal* desenvolve o conceito de especismo. A autora escreve que foi graças ao livro de Singer que os direitos dos animais começaram a ser vistos como uma necessidade a ser debatida, até que os autores Tom Regan e Gary Francione se contrapõem à visão utilitarista que o Peter apresenta em seu livro. Ambos

19 Psicólogo branco-londrino. Seus livros não possuem tradução para a língua portuguesa.

20 Professora Adjunta do Departamento de Filosofia e do PPGFIL da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

21 Filósofo, branco, australiano com atuação nos EUA

se referem ao livro de Singer como “uma perspectiva mais humanitária, de bem-estar, do que verdadeiramente abolicionista.”

Schöpke (2023) considera importante tratar os animais além do que recursos humanos, uma vez que enquanto estes forem propriedade, serão escravos, e portanto não serão tratados com o mesmo grau de consideração. O que Francione defende é que não se use “nenhuma vida como um meio para fins humanos”.

Enfim, o declarado entusiasta das experimentações científicas do seu século, e da pior delas, a vivissecção, só não podia ser pior, moralmente falando, do que um cientista, que mesmo sabendo que está provocando uma dor atroz em uma cobaia aberta viva sobre a mesa, ainda assim, “não sente nada”. Com certeza, a vivissecção é a prática científica mais macabra de todas, que consiste em dissecar um animal vivo, abri-lo para vê-lo por dentro, em pleno funcionamento, enquanto se experimenta as piores atrocidades com o seu corpo. (Regina Schöpke, 2023, p. 9)

A autora acredita não haver fuga contra o especismo enquanto apenas a vida humana for considerada sagrada, uma vez que seja necessário admitir que “seres semelhantes [...] tenham o mesmo direito à vida” (Singer, 2014 *apud* Regina Schöpke, 2023, p.9).

6 DA DISCRIMINAÇÃO À OBJETIFICAÇÃO E DOMINAÇÃO

O ser humano pode desconsiderar pessoas quando elas não são parte do grupo ao qual pertencem ou quando entendem que outros grupos possuem menos capacidades intelectuais, como em casos de racismo ou sexismo, por exemplo. Isso vem de uma premissa colonial de que tudo que não se adeque ao modelo imposto ou a sua autoimagem pode ser tratado com hostilidade. Podemos entender isso mais profundamente com o conceito do Outro Cultural, criado por Marimba Ani, o qual podemos visualizar a seguir:

The concept of the cultural other further enables the continued existence of the extremely negative image of others that is a dialectically *necessary* part of the European self-image. [...] The cultural other is a creation of European culture, constructed, in part, to answer the needs of the European *utamaroho*. The *utamaroho* is expansionistic. [...] The ego seeks to infinitely expand itself. [...] Expansionism is the projection and imposition of the cultural ego onto the world. (It is possible to interpret all manifestations of “universalism” in this way.) It is the expression of arrogance, greed, and an obsession to consume all that is distinguished from self. In this setting, “discover” phenomena automatically become areas to *conquer* - to be made *ours*. European expansionism is the delimitation and redefinition of the world in terms of the European self; as opposed to the “losing of self” in the world or in the “other”, which is the alliteration of the isolating boundaries of self. (Marimba Ani, 1994, p. 403)²²

22 Tradução livre: O conceito do outro cultural habilita a existência contínua da imagem extremamente negativa de outros que é dialeticamente uma parte *necessária* da autoimagem europeia. [...] O outro cultural é uma criação cultural europeia, construída, em parte, para responder às necessidades do *utamaroho* europeu. O *utamaroho* é expansionista. [...] O ego busca se expandir infinitamente. [...] Expansionismo é a projeção e

Pensando nessa premissa, quem não se insere nesse território do ideal europeu de homem branco, racional, cisgênero, hétero, monogâmico, civilizado, inserido no topo da hierarquia econômica, ou seja, nessa autoimagem europeia, é uma ameaça ao ideal e costumes dessa autoimagem, assim se cria a ideia do outro, e esse precisa se adequar ou ser combatido para manter esse ideal através do tempo e espaço. Assim, essa mesma ideia se aplica a animais de outra espécie, ou no outro-animal, quem não se insere nessa imagem. Tudo o que se assemelha ao outro-animal, ou no que eles definem como selvagem, deverá ser combatido e manipulado para a preservação da autoimagem, dominação, manipulação e expansão dos seus domínios.

Oscar Horta²³ (2020) define como discriminação o modo como um indivíduo é considerado desfavoravelmente ou recebe tratamento injustificado de outro. Quando essa discriminação ocorre de um ser humano para com outro animal, apenas por fazer parte de outra espécie, podemos definir tal ato como especismo.

Essa concepção ampla pode dar conta não somente dos casos de discriminação em que o indivíduo discriminado sofre realmente um dano. Também cobre aqueles em que um determinado tratamento discriminatório não é em si danoso, e inclusive é benéfico, mas, contudo, é pior do que o que outros indivíduos receberiam se estivessem na sua situação. De fato, pode inclusive explicar os possíveis casos de discriminação em que o indivíduo discriminado não é afetado de nenhuma maneira (como ocorre em certos casos de discriminação epistêmica, que acontece quando as opiniões de alguém recebem menos atenção do que as de outros indivíduos por motivos injustificados). (Horta, 2020, p. 168)

Horta (2020, p. 168-169) ressalta que um “tratamento diferente não é o mesmo que um tratamento desfavorável”. Afirmar ainda que “dois interesses não precisam ser iguais quanto ao seu conteúdo para ter o mesmo peso.”, e diz ainda: “Tratar de forma igualitária” significa “tratar de acordo com o que implica uma consideração igual de interesses”, motivo pelo qual nem sempre implica tratar da mesma maneira diferentes indivíduos. Ou seja, todos somos diferentes em alguma medida, e portanto possuímos necessidades diferenciadas. Não existe justiça ao tratar todos do mesmo modo. Não podemos tratar uma pessoa autista como um neurotípica, por exemplo, e do mesmo modo não podemos tratar um ganso de modo

imposição do ego cultural no mundo. (É possível interpretar todas as manifestações de “universalismo” desta forma.) É a expressão da arrogância, ganância e uma obsessão de consumir tudo aquilo que é distinguido do eu [self]. Neste cenário, “descobrir” fenômenos automaticamente se tornam áreas para *conquistar* - se tornar *nosso*. Expansão europeia é a delimitação e redefinição do mundo em termos do eu europeu; em oposição à “perda do eu” no mundo ou no “outro”, que é a aliteração dos limites do isolamento do eu.

23 Homem branco ativista pela defesa dos animais e filósofo moral galego que atualmente é professor do Departamento de Filosofia e Antropologia da Universidade de Santiago de Compostela (USC) e membro da fundação Animal Ethics.

equivalente a uma salamandra. Porém, mesmo com um tratamento diferenciado a todos os seres podemos respeitar o mesmo interesse de viver uma vida sem sofrimentos.

Horta (2020, p. 170) traz que os animais não-humanos não são considerados indivíduos, e sim “meros exemplares de uma espécie”, e que é equivocado pressupor que os “interesses de um indivíduo sejam os interesses de sua espécie”. No caso do ser humano, a maioria rejeitaria a violação dos interesses de um grande número em prol do bem da espécie *Homo sapiens*, como, por exemplo, a eliminação de indivíduos que possuem problemas de saúde para salvar toda a espécie e torná-la “espécie mais forte”. Porém, quando se diz respeito a outros animais, quando não atendem a padrões são assassinados pela “pureza” da espécie:

Um exemplo disso seria a matança dos patos-de-rabo-alçado-americano, que tem sido defendida na Europa para evitar que se acasalem com patos-de-rabo-alçado, cujo acervo genético estaria “em perigo de extinção”. Em casos como esses, parece haver uma preocupação com a espécie (ou, melhor, com uma ideia de como deveria ser a história da espécie). Mas essa preocupação não implica que se respeite os seus membros. Igualmente, se nos preocupamos apenas com os indivíduos não há razão para valorizar a existência de um lince mais do que a de um gato comum, ou a vida de uma baleia azul mais do que a de uma baleia cinza. (Horta, 2020, p. 170)

A problemática apontada pelo autor está presente em diversas situações e quando nos deparamos com a temática “melhoramento genético” em áreas como agronomia, medicina veterinária e zootecnia. Em um vídeo intitulado “melhoramento genético de caprinos e ovinos”, realizado pela empresa Embrapa (2023), encontramos com os seguintes dizeres do pesquisador Olivardo Facó:

Melhoramento genético é um conjunto de processos de seleção dos animais reprodutores e matrizes e de acasalamento desses animais, feito de forma que, ao longo do tempo, nós possamos ter cada vez mais animais com aquelas características que nós desejamos para o sistema de reprodução. E o melhoramento genético também pode ser feito a partir dos cruzamentos, que você utiliza animais de duas ou mais raças no propósito de produzir uma progênie que vai culminar características desejáveis dessas raças, com o foco sempre naquilo que se está desejando, seja na direção de se aumentar a produção, seja na direção de aumentar a rusticidade, a adaptação desses animais ao ambiente de produção. Vale destacar que o melhoramento genético, o produto do melhoramento genético, é um produto duradouro. Uma vez que você tem selecionado os animais de forma adequada e fixado essas características que você deseja naquela população, esse ganho que se obteve ao longo do tempo ele não se perde mais, a menos que você faça uma seleção no sentido contrário. Então vale destacar que todo investimento que é feito, ele tem esse ganho duradouro. Dessa forma, o que é que nós temos? No melhoramento genético, o que é que se busca? Ou procurar produzir animais que tenham a maior produção, ou em algumas situações animais que estejam mais adaptados às condições de produção. Mas de uma maneira geral, o foco do melhoramento genético é aumentar o lucro do produtor.

Melhorar geneticamente um animal remete a ideia de superioridade racial e também de superioridade entre as espécies. Em suma, o especismo é a ideia de que outros

animais podem ser explorados devido à espécie a qual pertencem. Para isso, há uma objetificação da sua existência, negando que este possa sentir emoções, dores, problemas psicológicos. Como se fossem máquinas criadas para servir aos nossos luxos, vontades, crueldades, caprichos... Como se eles não tivessem vontades, hábitos, como se fosse impossível que possam se organizar e se comunicar. Para o humano que o manipula, aquele ser não passa de um objeto a ser dominado e o que importa é apenas exercer seu poder, seja para domesticar, como o gato, seja para comer, como a vaca.

7 CENTRALIZANDO O SUL GLOBAL: ANCESTRALIDADES E NATUREZA

Ao realizar minha pesquisa, me deparei com o fato de que os autores que se encontram em evidência no presente assunto são, em sua totalidade, autores brancos, o que me causou a necessidade de voltar às minhas referências pessoais para complementaridade da presente pesquisa. Povos indígenas e africanos permanecem, em sua essência, há milhares de anos, em um grau transcendental com as forças da natureza, estabelecendo uma inter-relação íntima com o cosmo, e buscando respeitar outros modos de vida, humana ou não. Porém, apesar disso, a academia se volta aos autores brancos e à uma visão eurocêntrica do que poderia ser uma relação diferente da estabelecida por eles mesmos, o que os povos mencionados fazem desde sua gênese.

Diante do exposto, trago o presente tópico, colocando em foco visões africanas e indígenas ancestrais e atuais a respeito da natureza, do cosmo, do universo e dos animais que nos rodeiam. Para os povos do Kemet, a sabedoria “alinhava a vibração existencial do ser com o todo”, isso caso estes buscassem conhecimento de si e da realidade.

Os antigos africanos de Kemet era de fato uma civilização que se preocupava em ser um só corpo e uma só mente, ou seja, onde a interrelação e interconexão com todos os seres da realidade, da natureza, fizesse parte do bem viver. Viver segundo a natureza e as suas leis universais era viver debaixo das asas de Maat. (Katiúscia Ribeiro et. e tal, 2020, p. 44)

Renato Noguera²⁴ em seu vídeo ‘Pensamos com o Coração?’ nos apresenta à filosofia Amenemope, do antigo Kemet, trazendo a seguinte história: um rei, Osíris, vivia uma vida próspera ao lado de sua esposa Ísis. Porém seu irmão, Seth, com inveja, o chama para um banquete, o assassina, o esquarteja e espalha seus pedaços por todo o mundo. Seth pede sua cunhada em casamento alegando que o irmão havia desaparecido. Desconfiada, Ísis então saiu

24 Filósofo preto com vivência familiar griot, é professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro).

em busca de seu companheiro e de respostas, até que ela vai encontrando pedaço por pedaço e os costura. Ela deita com Osíris, que não possuía mais seu órgão genital, e engravida. Osíris, que era um homem de pele negra, fica com a pele esverdeada, e recebe a missão de pesar o coração das pessoas após a morte. De um lado, o coração, e de outro a pena de Maat. Caso o coração seja mais pesado que a pena, significa que a vida da pessoa foi de cólera e sofrimento, o que refletirá na vida pós morte.

Segundo Nogueira, podemos entender os três personagens como partes de nossa psiquê. Osiris representaria nossa natureza, Ísis, nossa disponibilidade para amar, e Seth o nosso desejo por caos e poder. Deste modo, o poder “esquarteja nossa condição humana. A nossa natureza se torna esquartejada, separada, cindida quando o poder se torna a coisa mais importante da vida” (Nogueira, 2024) . Como Seth, em busca de poder o europeu esquartejou sua existência, se destacando no mundo e se colocando no centro de todas as coisas, de forma que a única forma de se relacionar com outras vidas é por meio do domínio.

A prática filosófica, conceituada pelos ocidentais, já não se trata mais do sentido clássico que tinha, de amar a sabedoria, de buscar conhecimento da verdade, da relação intrínseca com a natureza – uma vez que fazemos parte dela – de refletir sobre a vida, mas sim de poder, dominação, hegemonia civilizatória, etc. (Katiúscia Ribeiro²⁵ et. e tal, 2020, p. 49)

No caso da Cosmovisão do povo banto, segundo uma pesquisa de Luis Tomas Domingos²⁶ (2011, p. 2) em Moçambique, o ser humano estabelece sua existência no Universo e possui um parentesco original com a natureza, e seu maior projeto de vida é estar em equilíbrio e harmonia com ela. Não se busca conquistar a natureza, mas sim um “respeito recíproco, de participação e de complementaridade”. Domingos (2011, p. 7) afirma que o universo da pessoa africana possui um plano invisível (o mundo dos espíritos) e o visível, material (o mundo dos animais, vegetais e minerais), e esse universo se estabelece em harmonia. A sua relação com a natureza é profunda e em diversas famílias se adotam outros animais como totens, “relação que se explica pela fraternidade e primogenitura do animal, ou pela associação dos animais míticos com os primeiros homens aos quais teriam transmitido a sabedoria”. Em ritos de passagem, vão até florestas sagradas e se relacionam particularmente com minerais com potenciais especiais.

25 Filósofa preta e apresentadora de televisão especializada em filosofia africana. Pesquisa sobre o kemetismo e mulherismo africano. É professora de filosofia e coordenadora do Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios Geru Maã de Africologia e Estudos Ameríndios na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

26 Antropólogo moçambicano, pesquisador nas áreas de identidades sociocultural e política, étnico-raciais; cristianismo; religiosidade africana e de matriz africana no Brasil; e estudos africanos e afrodescendentes/diásporas africanas. Atua como professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) no Ceará.

O poder de conhecimento que procura o homem tradicional Africano Banto, é antes de tudo aquele que consiste na natureza dos seres: as forças destes dois mundos (visível e invisível), sobretudo o princípio vital os rege. Possuir o tal conhecimento permite ao homem explorar mais as forças do Universo, da natureza em função do seu próprio desenvolvimento integral, da sua própria libertação. E um dos sentidos profundos dos Africanos é estabelecer como última meta: fazer da natureza um espaço de residência humana e de cultura, para viver de maneira durável, harmoniosa e em equilíbrio. E é deste modo que o homem, dito tradicional, Africano age, centrando todos os seus esforços para se integrar na natureza constituindo com ela uma única e mesma experiência no Universo. (Domingos, 2011, p. 11)

Em se tratando das visões de mundo e das relações com a natureza dos indígenas e africanos, é notório as visões diferentes do que um mundo eurocêntrico tem. Ailton Krenak²⁷ (2019, p. 9-10) conta que nós fomos “embalados” com “a história de que somos a humanidade”, nos afastando da Terra e nos vendo como algo à parte. “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”.

A relação com a natureza e com outros seres que não são necessariamente outros seres humanos é uma das características que se pode notar quando tomamos conhecimento da visão de mundo e práticas indígenas. Trata-se de povos que, mesmo sendo múltiplos e diversos, compartilham de uma noção de cosmo abrangente que os permite experienciar o mundo que os cerca e se desenvolverem como sociedades que respeitam o multiverso natural de inter-relações.

Krenak (2019) em ‘Ideias para adiar o fim do mundo’, prossegue contando sobre a visão de seu próprio povo e de outros indígenas sobre a natureza e sua relação com ela, e dá alguns exemplos, como o da senhora Hopi, que conversava com sua irmã, uma pedra, ou o caso de seu avô Watu, chamado de Rio Doce. A aldeia Krenak tem em sua presença a serra Takukrak (que possui uma personalidade), que conta a todos como será o dia: “Quando ela está com uma cara do tipo ‘não estou para conversa hoje’, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: ‘Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser’”. Ele prossegue e afirma que além disso, há diversas famílias de montanhas que trocam afeto, como é o caso de lugares no Equador e Colômbia, e muitas festas são feitas em homenagem à elas. (Krenak, 2019, p. 10; 21).

27 Indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro da etnia indígena krenaque e Imortal da Academia Brasileira de Letras. Ailton é também professor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e é considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional.

Nosso amigo Eduardo Viveiros de Castro gosta de provocar as pessoas com o perspectivismo amazônico, chamando a atenção exatamente para isto: os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência. Muitos outros também têm. (Krenak, 2019, p. 15)

Marimba Ani (1994) relata que há visões muito similares entre povos africanos e indígenas, dizendo que ambos possuem uma relação cósmica entre os seres e a natureza de harmonia e bem viver. Krenak (2019), na mesma linha, aponta essa visão similar contando sobre um caso do povo Massai, no Quênia, que lutou contra os ingleses que tentaram transformar a montanha sagrada do território em um parque. Ele lamenta que, ao falar sobre a sacralidade ou as mensagens que rios ou montanhas passam para nós, as pessoas reduzam isso a um folclore, despersonalizam e tiram o sentido: “considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista.”. Assim, transformam as pessoas em tiranas da natureza, tirando a possibilidade destas viverem uma experiência significativa com plantas, animais, biomas para se tornarem consumidoras. Ele prossegue dizendo que esse afastamento com a Terra está nos deixando órfãos, tirando a nossa força.

A profundidade da relação destes citados povos com a natureza é tamanha que chegam a falar sobre metamorfose. Segundo conta Davi Kopenawa²⁸, indígena do povo Yanomami (2015, p. 382-383), os xamãs de seu povo – sacerdotes que possuem contato com o mundo dos espíritos – contam histórias dos antepassados animais (yaori), como eram capazes de se transformar em papagaios, veados, antas e macacos. Ele conta também o caso de uma mulher menstruada que, ao sentar no chão da floresta, se tornou um rochedo. A relação com a terra é íntima e sagrada.

Kopenawa (2015, p. 389-390) conta que a importância em proteger a floresta está em seus antepassados, criados nessas terras dadas por Omama, e em uma percepção de que isso permaneça através dos tempos para viverem em comunhão com os antigos e com os espíritos. Seu próprio espírito apenas se tranquiliza quando está “na beleza da floresta, junto dos meus”. Sobre os brancos, se revolta, pois não entendem a imensidade da experiência e da relação com a floresta, que é muito mais que podem oferecer, ameaçando a vida das pessoas que lá se estabelecem. Kopenawa (2015) nos deixa as seguintes palavras, que se acompanharmos em meio às notícias, é um relato do que já vem acontecendo atualmente:

28 Xamã, produtor cultural e ativista político reconhecido internacionalmente, coautor de ‘A Queda do Céu’ (Companhia das Letras, 2015), o primeiro relato de um indígena sobre a sociedade, a história recente e a cultura do povo Yanomami, um dos mais isolados na Amazônia.

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar de calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem da montanha para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os malefícios, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (Kopenawa, 2015)

Em prol de um modelo de sociedade de desenvolvimento, passa-se por cima de tudo e de todos, seja animal, mineral ou vegetal. É um desenvolvimento pensado apenas no sentido econômico, às custas do futuro do planeta e, inclusive, dos seres humanos. A queda do céu acontece hoje, no momento presente, com as crises climáticas que enfrentamos, por exemplo. Isso em decorrência de invasões de territórios indígenas, desmatamento, morte da terra e de seus habitantes - humanos ou não. Tudo, inclusive vidas, se tornam produtos a serem comercializados em prol do progresso. Somos enganados por propagandas e alienados por esse progresso, acreditamos nesse discurso, mas negar a natureza em nós e em tudo o que nos cerca está nos levando a uma realidade sem saída. Este progresso, que comporta a ideia que os fins justificam os meios, está nos matando aos poucos. É a realidade desenvolvimentista que assassina as possibilidades das gerações futuras. Os povos indígenas dizem em suas lutas o quanto somos capazes de tomar consciência da nossa dependência com a terra e da harmonia com o cosmo para vivermos bem em nosso planeta. Precisamos cuidar do nosso único lar e de todos os seus habitantes para garantirmos um futuro para todos nós e para os próximos que virão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O QUE NOSSA RELAÇÃO COM OUTROS ANIMAIS DIZ SOBRE NÓS HUMANOS?

Quando nos voltamos a nós mesmos e nossos antepassados indígenas e africanos, percebemos que já existe em nós uma inter-relação íntima entre o nosso ser e as forças da natureza. Existe em nossos ancestrais uma consciência da necessidade de um equilíbrio genuíno com o cosmo, com a terra e as diversas vidas que nos cercam. Esses povos se alimentavam da carne de animais pontualmente, porém não há essa lógica de vidas como produtos, “produzidos” em massa: todos os seres possuem importância e funções para a manutenção do equilíbrio ecológico.

Por outro lado, quando se trata do europeu, apesar da potência possibilidade de ser o todo e tudo o que envolve as experiências cósmicas, este optou por se fragmentar em partes, e estabelecendo em si mesmo uma forma hierárquica onde o que eles chamam de “racional” se torna mais importante. Como sua relação com o outro passa a ser limitada por relações de poder, a única forma que encontram de obter conhecimento é transformando o que eles querem em um “objeto”. E como são seres fragmentados se limitando ao racional, todas as possibilidades de experienciar o mundo que os falta é buscada por meio de dominação do outro e expansão deste domínio.

Como são seres incompletos, nunca se dão por satisfeitos, saíram no mundo em busca de expandir mais e mais os seus domínios. Se estabeleceram nestas terras, a chamou de Novo Mundo, e uma vez aqui, a única forma de pensamento possível para eles era explorar e extrair o máximo possível para obter mais poder, dominando tudo o que fosse possível por meio da colonização, que mais tarde os deu a possibilidade de estabelecer o sistema capitalista.

Nunca satisfeitos, para obter mais poder, seu desenvolvimento necessitava criar grandes indústrias, retirar as formas de vida das florestas e do campo por uma vida cinza e de concreto, e começar um processo de alienação. Até hoje, dificilmente sabemos das origens dos produtos que compramos nas prateleiras de supermercados, muito menos os processos até a chegada às nossas mãos, permitindo com que essa figura faminta de poder seja capaz das

mais diversas opressões contra quaisquer formas de vida sem que saibamos, nem que desconfiemos.

Diante do exposto afirmo que falar sobre nossa relação com a natureza e com outros animais é falar de nós mesmos. A nossa história e a de outras espécies é a mesma, apesar de omitirmos parte dela. Contar sobre sistemas hierárquicos de opressão entre humanos e como nos tratamos também é contar a respeito da opressão com outros seres, uma vez que agimos do mesmo modo em todos os ambientes que nos cercam. Afinal, a exploração de humanos e de outras formas de vida, especificamente com a de outros animais, vem de uma mesma origem, têm um mesmo *modus operandi*, e servem para a mesma finalidade de domínio e expansão do norte global. O especismo nos engana com a ideia de que somos superiores a outros modos de vida, e portanto estamos acima de qualquer lei natural. Assim pensamos que ao assassinar milhares de animais não humanos diariamente, o único prejuízo diz respeito a estes, quando na realidade a vida humana também é explorada e está em perigo neste processo com disputas territoriais, desmatamento, processos de grilagem, trabalho escravo, esgotamento do solo, processos de desertificação, tragédias ambientais, etc. A relação não harmoniosa com o cosmo e a natureza que nos cerca nos afeta cotidianamente, e nos afetará muito mais se permanecermos assim.

Podemos continuar deste modo acrítico e entregando nossas vidas nas mãos de um poder tirânico; ou rompemos com o poder estabelecido, nos voltando aos nossos ancestrais, mantendo relações harmoniosas com a diversidade deste universo, e de forma revolucionária criar um mundo novo por uma nova era de respeito, equidade e empatia com nossos semelhantes, independentemente de sua espécie. Hoje nos encontramos em uma crise, e para superá-la necessitamos voltar a nos integrar com a natureza para um futuro harmonioso entre todos os seres.

REFERÊNCIAS

- ANI, Marimba. [Entrevista cedida a] Listervelt Middleton. South Carolina Educational Television, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y1vXkJgW4jI>. Acesso em: 23 set. 2017.
- ANI, Marimba. 1994. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior**. Trenton: Africa World Press.
- CAMPFORA, Ana Lúcia. **Animais e sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX: história ambiental, composição de direitos e políticas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Abramvet/Camphora, 2017.
- DAVIS, Angela. A Holistic Approach: justice, access and healin'. In: EMPOWERING WOMEN OF COLOR CONFERENCE, 27., 2012. **Anais...**, Berkeley University of California, 2012.
- DOMINGOS, Luis Tomas. A visão africana em relação à natureza. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá. v. III, n. 9, jan. 2011.
- EMBRAPA. **Melhoramento genético de caprinos e ovinos**. Youtube, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6FoLe6QKi1M>. Acesso em: 29 set. 2024.
- HORTA, Oscar. ¿Qué es el especismo? **Ethic@**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 162-193. mai. 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. 2019. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LUDOLF, Rafael van Erven; Pipas Morgado, Evelyn; Alves Gomes de Oliveira, Fabio; Alves Chaves, Luiza. Exportação marítima de gado vivo: legados do especismo colonial. **Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v.24, n.3, p. 241-265, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/conflu.v24i3.55928>. Acesso em: 24 set. 2024.
- NOGUERA, Renato. **Pensamos com o coração?**. Youtube, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pXeChjyJEuI>. Acesso em 23 set. 2024.

PAIXÃO, Rita Leal. O direito dos animais às cidades. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 35, e202330416, 2023. Disponível em: DOI: <http://doi.org/10.1590/2965-1557.035.e202330416>. Acesso em: 10 set. 2024.

RIBEIRO, Katiúscia; NASCIMENTO, Ademar R. (Adeodé); GOMES, Antonio; HERBERT, Ítalo; BISPO, Jorge. Rekhet: um exercício que transcende o ato de filosofar. **Ítaca**, n. 36, 2020. Especial Filosofia Africana.

RYDER, Richard. **Speciesism and painism**: Some Further Thoughts. *Etyka*, styczeń. Warsaw, Poland, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14394/etyka.1305>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SCHÖPKE, R. Repensando o especismo: o conceito de Richard Ryder para além da querela entre o utilitarismo e os direitos animais. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 35, e202330433, 2023. Disponível em: DOI: <http://doi.org/10.1590/2965-1557.035.e202330433>. Acesso em: 01 set. 2024.

SOLLUND, Ragnhild. (2023) “Eating E.T.: carnism and speciesism”, **International Journal for Crime, Justice and Social Democracy**. Disponível em: Doi: 10.5204/ijcjsd.2837. Acesso em: 15 set. 2024.

ANEXO 1

	Autor	Título	Ano	Área do Conhecimento
1	Regina Schöpke	Repensando o especismo: para além da querela entre o utilitarismo e os direitos animais	2023	Filosofia
2	Luciano Carlos Cunha	A situação dos insetos: o quanto importante é essa questão?	2023	Filosofia
3	Rita Leal Paixão	O Direito dos animais às cidades	2023	Filosofia
4	Luciano Félix Florit; Diego da Silva Grava	Environmental ethics and sustainable territorial development. An analysis from the speciesism category	2016	Sociologia
5	Elna Mugrabi Oliveira; José Roberto Goldim	Legislação de proteção animal para fins científicos e a não inclusão dos invertebrados – análise bioética	2014	Bioética
6	Joseth Filomena de Jesus Souza; Helena Eri Shimizu	Representação social acerca dos animais e bioética de proteção: subsídios à construção da educação humanitária	2013	Bioética; Educação
7	Daniel Rivera Mora	Una defensa del anti-especismo	2021	Filosofia
8	Fábio Alves Gomes de Oliveira; Érica Quadros do Amaral	Deixadas para morrer: sobre búfalas, desinformação e especismo estrutural	2022	Ciência da Informação; Estudos Críticos Animalistas; Ecofeminismos
9	Gustavo Henrique Coelho; Arthur Falco de Lima; Oscar Horta	O que é o especismo?	2022	Filosofia
10	Santiago Ospina Castañeda	El concepto de dignidad en la tradición de la ética animal y su valoración a partir del concepto de especismo en sus desarrollos contemporáneos	2023	Filosofia
11	Diego L. Forte	Colonialismo, especismo y ecocrítica en el análisis del discurso latinoamericano. Notas sobre la hegemonía humana y el cambio de paradigma	2023	Filosofia
12	Sophia Wilhelm Drescher	O especismo e o avanço mitigado na proteção dos animais no Brasil: o caso da lei nº 14.064 de 2020	2022	Direito
13	Mara Martínez Morant	La Covid-19 y el especismo contra los visones	2022	Antropologia
14	Rafael van Erven Ludoff; Evelyn Pipas Morgado; Fabio Alves Gomes de Oliveira; Luiza Alves Chaves	Exportação Marítima de Gado Vivo legados do especismo colonial	2022	Sociologia; Direito
15	Mat Rozas	Otro paso adelante en defensa de los animales. Reseña de: Óscar Horta, Un paso adelante en defensa de los animales	2023	Filosofia

16	Bruno Araújo Alencar; Heraldo Aparecido Silva	John Dewey e a ética da experimentação animal o início de um debate pragmatista sobre uma deliberação moral antiespecista	2022	Filosofia
17	Mara Martínez Morant	Ensayo sobre los otros animales, la pandemia de Covid-19 y el especismo	2023	Antropologia
18	Pablo Suárez	El doble filo del especismo: subhumanos y superhumanos. Algunas asimetrías em filosofía liberal contemporánea	2022	Filosofia
19	Andrea Vera; Cristina Ruiz; Ana M Martín	Reactions against farm animal abuse: the role of animal attitude and speciesism	2023	Psicologia
20	Natalia Corayl; Víctor Rodriguez	Especismo en las fronteras: análisis crítico de discurso sobre la práctica de la pesca en el norte de Chile a partir de recursos hemerográficos	2023	Estudios Críticos Animalistas; Sociologia
21	Sarah Zanaz	Animales Acuáticos: las víctimas olvidadas del especismo. Problemas éticos en torno a la pesca	2022	Filosofia
22	Sandra Milena Fonseca Velásquez; Erika Palacios Palacios	Especismo en el currículo: Interpretación de los contenidos de los lineamientos curriculares expedidos por el MEN para la asignatura ciencias naturales y educación ambiental, a luz de los planteamientos sobre el especismo y las posturas de los movimientos relacionados con la defensa y la consideración moral de los animales no humanos.	2018	Ciências da Educação
23	María Fernanda Obando-Sánchez	Violencia y especismo en Costa Rica: la ética antiespecista como propuesta de cambio social	2022	Estudios Críticos Animalistas; Antropologia.
24	Gonzalo Luque González	La cuestión humano-animal en la dialéctica de la ilustración de Adorno y Horkheimer: especismo y vida dañada	2022	Teoria Crítica Animalista; Filosofia
25	Javier Llanos de la Guardia	Antropocentrismo y especismo. Nuevas lecturas de los Manuscritos de París	2022	Filosofia
26	David A. Varela Trejo; A. Berenice Vargas García	Especismo silente y afectividad: imágenes del proyecto cárnico de la felicidad	2022	Estudios Críticos Animalistas; Antropologia.
27	Nicolle Bittencourt Rocha	Um peso, duas medidas: o abate religioso entre a dignidade do animal não humano e a discriminação	2020	Biodireito; Direito dos Animais
28	Brian Swartz; Brent D. Mishler	Speciesism in Biology and Culture	2022	Biologia
29	Luke McGuire; Sally B. Palmer; Nadira S. Faber	The Development of Speciesism: Age-Related Differences in the	2022	Psicologia

		Moral View of Animals		
30	Paul J. Silberberg	Animal Ethics, Animal Welfare, and Speciesism: Considerations for Social Work	2023	Trabalho social; Ética
31	Ragnhild Sollund	Eating E.T.: carnism and speciesism	2023	Criminologia
32	Pok Man Tang; Anthony C. Klotz; Shawn T. McClean; Yating Wang; Zhaoli Song; Chin Tung Stewart Ng	Who Needs Nature? The Influence of Employee Speciesism on Nature-Based Need Satisfaction and Subsequent Work Behavior	2023	Psicologia Aplicada à Administração
33	Maria Ioannidou; Valerie Lesk; Barbara Stewart-Knox; Kathryn B. Francis	Don't mind milk? The role of animal suffering, speciesism, and guilt in the denial of mind and moral status of dairy cows	2024	Psicologia
34	Joachin Stoeber; Kristof Dhont; Alina Salmen	Individual Differences in Effective Animal Advocacy: Moderating Effects of Gender Identity and Speciesism	2024	Psicologia
35	Laura Thovex	Anti speciesism. Challenges for a fair relationship between humans and other sensitive species in the face of political liberalism	2022	Ciências Políticas
36	Jamie Arathoon	Towards a research agenda for animal and disability geographies: ableism, speciesism, care, space, and place	2022	Geociências
37	Katherine Northrope; Matthew Ruby	Speciesism and Perceptions of Animal Farming Practices as Predictors of Meat Consumption in Australia and Hong Kong	2024	Psicologia
38	Marija Branković; Janko Mededović	Dark minds do not like animals: the Dark Tetrad traits as predictors of relations with non-human animals	2023	Filosofia; Criminologia
39	Casey T. Taft; Evelyn G. Hamilton; Xenia Leviyah; Katherine E. Gnall; Crystal L. Park	Animal Consumption Associated with Higher Intimate Partner Aggression	2023	Ciência Comportamental; Saúde; Psicologia
40	Thilo Hagendorf; Leonie Bossert; Tse Yip Fai; Peter Singer	Speciesist bias in AI: a reply to Arandjelović	2023	Política da Tecnologia da Informação; Filosofia
41	Emnée van den Brandeler	Towards an Epistemology of 'Speciesist Ignorance	2024	Filosofia
	Iro Tsarmpopoulou- Fokianou	Why Whales: The Hierarchies of Love and Animal Protection	2021	Antropologia Social
42	Lia Giancristofaro	Meek snakes in a Mediterranean religious rite: an intercultural path towards an anti-speciesism dimension	2023	Antropologia
43	Dusan Pajovic; Ricardo Borges Rodrigues	ESSAY: Generalized Prejudice Reduction: Speciesism, Sexism and Racism - What if We Can Diminish All by Tackling Just one?	2023	Estudos Críticos Animalistas; Ciências Sociais e Humanas

44	Chikwurah Destiny Isiguzo	Post-humanism & Speciesism in African Literature	2022	Literatura; Ciências Humanas Ambientais
45	Richard D. Ryder	Speciesism and Painism: Some Further Thoughts	2023	Psicologia Experimental; Filosofia
46	Ronald Kramer	Crime media as cinematic “freak show”: Ableism and speciesism in retelling Dahmer	2023	Cinema; Criminologia
47	Carsten Herrmann-Pillath	Sharing planet Earth: Overcoming speciesism in economics	2023	Economia; Ciências Humanas
48	Hannah C. Knotts	Speciesism in Childhood: An Exploration of Children's Attitudes Toward Nonhuman Animals	2023	Sociologia
49	Nick Jenkins	Multi-species dementia studies: How moving beyond human exceptionalism can advance dementia’s more critical turn	2023	Sociologia

SABRINA ROSA MENDES LOPES

**AS RELAÇÕES ENTRE ESPÉCIES: TRAJETÓRIAS DO PENSAMENTO
OCIDENTAL SOBRE ANIMAIS HUMANOS E NÃO HUMANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo, apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, campus Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 08/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Carolina Maria Costa Bernardo (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Professora Doutora Joceny de Deus Pinheiro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Professor Doutor Lailson Ferreira da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB